

Quatro momentos do golpe

Moacyr Scliar

Da época da ditadura guardo várias recordações, mas quatro momentos foram particularmente significativos.

O primeiros deles me traz de volta a sombria noite de 31 de março de 1964. Eu estava junto com minha namorada (depois minha mulher) Judith, no meu pequeno Fusca estacionado no Parque da Redenção em Porto Alegre. Ouvíamos pelo rádio as notícias dos deslocamentos de tropas, que pareciam não encontrar qualquer resistência. Meus sentimentos eram de angústia, e sobretudo de perplexidade. Eu não podia entender como aquilo estava acontecendo, sobretudo depois dos grandes movimentos populares das últimas semanas, o comício da Central do Brasil e outros. Brizola nos garantia que qualquer tentativa golpista seria imediatamente enfrentada por um “mar de sargentos”. Onde estava o mar de sargentos? Onde estava a resistência civil?

Em busca de resposta a esta pergunta, fui, no dia seguinte, à prefeitura de Porto Alegre, que era administrada pelo PTB, não o atual, o finado PTB de Vargas, Jango e Brizola. De novo, uma surpresa. O lugar estava praticamente deserto; apenas um velho funcionário permanecia na portaria. Disse-lhe que queria me alistar no movimento de resistência e perguntei como poderia fazê-lo. Ele me olhou e disse:

– Meu filho, que eu saiba não tem movimento nenhum. E se tu queres um conselho, vai para a tua casa e fica quieto lá.

O terceiro momento me revelou o que ele estava antecipando. Eu passava pela rua Andrade Neves, no centro da cidade. Havia ali, no primeiro andar de um prédio, uma pequena livraria comunista, onde o pessoal de esquerda costumava ir para roubar livros (afinal, tratava-se apenas de expropriação). A partir daquele dia, não mais o fariam. Em determinado instante surgiram, como que do nada, veículos militares, que bloquearam a rua. Deles saltaram soldados armados que invadiram o prédio. As janelas da livraria se abriram, e lá de cima, livros começaram a ser jogados e despedaçavam-se no asfalto, cena a que uma pequena

multidão assistia em silêncio e que me lembrou a queima de livros à época do Terceiro Reich.

Até então eu havia sido testemunha, mas no quarto momento fui protagonista. Médico recém-formado, fui fazer um concurso público. Já estava sentado no grande salão em que se realizaria a prova, junto com centenas de colegas, quando entrou um homem, com um papelzinho na mão. Leu, em voz alta, meu nome e o nome de outro médico e pediu que o acompanhássemos. No corredor, disse que não poderíamos fazer o concurso. Temerariamente resolvi perguntar a razão disso. E a resposta dele até hoje, quarenta anos passados, ressoa em meus ouvidos:

– Eu não sei, e se fosse tu, eu não perguntava.

Quatro momentos. Quatro pequenos momentos. A ditadura foi uma longa noite composta de muitos, e terríveis momentos.